

Dialogismo, posição axiológica e identidade: uma análise das avaliações/valorações atitudinais em memoriais de candidatas indígenas a uma seleção de vestibular

Dialogism, axiological position and identity: an analysis of attitudinal evaluations/valuations in memorials of indigenous candidates for an entrance exam selection

Thaysa Maria Braide de Moraes Cavalcante¹
Instituto Federal de Pernambuco
thaysa.cavalcante@pesqueira.ifpe.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-9995-2102>

Otávia Pinheiro Pedrosa Fernandes²
Universidade Federal de Pernambuco
otavia.ppedrosa@ufpe.br
<https://orcid.org/0000-0003-4392-0002>

Resumo: Este trabalho analisa a construção da identidade discursiva em memoriais produzidos por duas docentes indígenas participantes do Processo Seletivo para ingresso no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do IFPE – Campus Pesqueira-PE. A investigação fundamenta-se no pensamento do Círculo de Bakhtin (Volóchinov, 1976, 1993, 2017; Bakhtin, 2003[1979]), especialmente nas concepções de dialogismo, enunciado e posição axiológica, articuladas à Teoria da Avaliatividade (Martin e White, 2005), com foco no subsistema de Atitude. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo exploratória, que busca compreender como as posições axiológicas identificadas por meio das avaliações/valorações atitudinais expressas nos memoriais sinalizam para a construção identitária no discurso. Os re-

¹ Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e do curso de Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

sultados evidenciam que a identidade das enunciadoras emerge como atividade dialógica que tensiona ideologias, valores comunitários, práticas culturais e demandas institucionais. O estudo reforça a relevância da linguagem como palco de tensões socioideológicas e as identidades como instâncias discursivas construídas dialogicamente nas interações.

Palavras-chave: dialogismo; avaliatividade; identidade indígena.

Abstract: This work analyzes the construction of discursive identity in memorials produced by two indigenous teachers participating in the Selection Process for admission to the Indigenous Intercultural Degree course at IFPE – Campus Pesqueira-PE. The investigation is based on the thinking of the Bakhtin Circle (Volóchinov, 1976, 1993, 2017; Bakhtin, 2003[1979]), especially on the concepts of dialogism, enunciation and axiological position, articulated with the Appraisal theory (Martin and White, 2005), focusing on the Attitude subsystem. This is a qualitative research, of an exploratory nature, which seeks to understand how the axiological positions identified through evaluations/valuations attitudes expressed in the memorials signal the construction of identity in the discourse. The results show that the enunciators' identity emerges as a dialogical activity that tensions ideologies, community values, cultural practices and institutional demands. The study reinforces the relevance of language as a scope of socio-ideological extension and identities as discursive instances constructed dialogically in interactions.

Keywords: dialogism; appraisal; identity.

Considerações iniciais

Nos últimos anos, as análises do discurso têm ocupado um espaço de destaque na investigação de fenômenos socioculturais, especialmente no que diz respeito à compreensão da relação entre linguagem, identidade e valores sociais. Nesse contexto, este artigo visa ampliar as discussões nesse campo de estudos, ao propor uma abordagem que articula distintas perspectivas teóricas para investigar como a linguagem, por meio dos posicionamentos axiológicos marcados em textos, contribui para a construção de identidades, no nosso caso a identidade de povos originários.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar a identidade discursiva de duas docentes indígenas participantes do Processo Seletivo para ingresso no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Pesqueira-PE. Para isso, foram examinadas as avaliações/valorações atitudinais expressas nos memoriais produzidos pelas candidatas, buscando compreender como as posições axiológicas interpretadas a partir dessas avaliações/valorações, contribuem para a construção de suas identidades no discurso.

A proposta parte de uma articulação teórica entre o pensamento do Círculo Bakhtiniano (Volóchinov, 2017; Bakhtin, 2003[1979]) e a Teoria da Avaliatividade (Martin e White, 2005), mais especificamente o subsistema de atitude. Tal abordagem mostra-se relevante para o campo das Ciências

da Linguagem, mais precisamente o âmbito dos Estudos do Discurso, pois contribui para ampliar os debates sobre a relação entre linguagem, interação, cultura e identidade, oferecendo ferramentas para a análise de discursos marcados por contextos socioculturais específicos.

Inicialmente, discutiremos a fundamentação teórica que embasa o estudo, com destaque para a natureza social e ideológica da linguagem e sua relação com as avaliações e posicionamentos manifestados no discurso, os quais sinalizam para uma construção identitária. Em seguida, serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados para a análise do corpus, composto por dois memoriais produzidos pelas candidatas do Processo Seletivo aduzido. Na etapa analítica, examinaremos os enunciados destacados, considerando suas valorações e a construção de posicionamentos identitários, discutindo como os textos revelam tensões entre tradições culturais, práticas comunitárias e demandas institucionais que nos apontam para a linguagem como palco de tensões socioideológicas e para as identidades como instâncias discursivas construídas dialogicamente nas interações.

A natureza social e ideológica da linguagem

A Teoria Dialógica é um conjunto de formulações teóricas que se propõe a pensar a língua em seu funcionamento real, por entender a interação verbal como a “realidade fundamental da língua” (Volóchinov, 2017, p. 219). Essa concepção foi proposta pelo Círculo de Bakhtin, grupo de intelectuais russos de diversas áreas, que se reuniam regularmente no início do século XX. Faziam parte desse grupo o filósofo Mikhail Bakhtin, o linguista Valentin Volóchinov e o teórico literário Pável Medviédev, entre outros. O Círculo “refutava a ideia de língua como reflexo do mundo e propunha que a relação sócio-histórica e dialógica entre os sujeitos era a base do processo de formação do discurso, priorizando a intersubjetividade em detrimento à representação objetiva da realidade.” (Fernandes, 2021, p. 49).

Para Bakhtin e o Círculo, o signo possui uma natureza ideológica, apresenta-se como a realidade material de uma ideologia em um dado momento histórico, posto que suas formas são condicionadas no processo de interação social, pela organização social dos indivíduos, pelas condições materiais de existência em uma determinada época, e age sobre as consciências individuais, constituindo-as (Volóchinov, 2017). Estas, por sua vez, a partir de sua adesão a determinadas ideologias e valores, seriam capazes de exercer influência transformadora sobre essa mesma realidade, em um movimento dialético. Por isso, “[na] realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana” (Volóchinov, 2017, p. 181).

Os significados e as ideologias que constituem os signos são analisados a partir dos enunciados, onde o signo adquire sua forma concreta e se insere na interação social. Não há uma definição precisa do conceito de enunciado nas obras do Círculo, mas é possível compreender sua significação e relevância através das ponderações realizadas nas obras e na interrelação com outros conceitos. Assim, é possível afirmar que enunciado corresponde a uma unidade de significação indissociável de seu contexto sociocomunicativo e, portanto, das diversas esferas ideológicas (Volóchinov, 2017). Não que o contexto gere mecanicamente o enunciado, mas se integra a ele, em uma relação de implicação mútua:

Assim, a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, *a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação*. [...] A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida, e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato desse enunciado não compreenderá estes enunciados (Volóchinov, 1976, p. 8-9, grifo do autor).

Dessa forma, Bakhtin e o Círculo estabelecem um princípio fundamental para a análise linguística: esta deve levar em consideração o enunciado em sua enunciação, destacando que o contexto não é algo externo ou puramente anterior ao texto, mas mantém com ele uma relação intrínseca, de modo que o próprio enunciado constitui esse contexto e sinaliza um modo de olhar para ele.

Sob essa perspectiva, o enunciado é definido como algo único e irrepetível, cujas fronteiras são determinadas pela alternância dos interlocutores (Bakhtin, 2003[1979]). Assim é que uma mesma frase pode se concretizar em um número infinito de enunciados, dependendo dos contextos e situações em que é proferida. No entanto, ele não pode ser compreendido de forma isolada, uma vez que a interação verbal tem, em sua essência, uma natureza dialógica. Isso significa que ela pressupõe a articulação de, no mínimo, dois enunciados, que se conectam como elos na cadeia ininterrupta da comunicação discursiva, que, por sua vez, é “apenas um momento da constituição ininterrupta e multilateral de uma dada coletividade” (Volóchinov, 2017, p. 219): desse modo, um enunciado responde a outro e se orienta para uma resposta.

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Entretanto, o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subseqüentes da comunicação discursiva. Quando o enunciado é criado por um falante, tais elos ainda não existem. Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos outros para quem se constrói o enunciado é excepcionalmente grande [...] (Volóchinov, 2017, p. 219).

Essa característica nos conduz a um conceito central para o Círculo de Bakhtin: o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem. O diálogo, embora possa ser tomado em seu sentido estrito – como a alternância de turnos em uma interação face a face –, deve ser compreendido aqui em sentido amplo, como a relação fundamental entre enunciados, que se estabelecem em um horizonte de vozes múltiplas. Nesse princípio, é preciso considerar que cada enunciado, ao ser produzido, responde não apenas a um destinatário concreto na situação imediata de comunicação, mas também às múltiplas vozes que compõem o horizonte ideológico e histórico em que o sujeito³ está inserido e que constituem

³ O Círculo de Bakhtin não trabalha diretamente com a noção de sujeito, mas com a ideia de indivíduo constituído na interação dialógica com o outro. Neste artigo, adotamos o termo sujeito, mais comum nos estudos linguísticos, para designar essa entidade discursiva. Ressaltamos que essa escolha não implica uma visão essencialista, de um sujeito plenamente consciente a si, nem como uma entidade completamente assujeitada pelas estruturas sociais, mas sim uma entidade discursiva inacabada, sempre em transformação, posto que se constitui na interação com o outro a partir do momento em que assume uma posição (Volochínov, 2017; Bakhtin, 2003[1979]).

sua consciência individual, responde, nesse sentido, a um *superdestinatário* (Bakhtin, 2003[1979]) – Igreja, partido político, ciência etc. – “cuja compreensão responsiva, vista sempre como correta, é determinante da produção discursiva” (Fiorin, 2022, p. 31). Nesta perspectiva, cada ato de enunciação é concebido como composto por diversas vozes. Assim, cada ato de fala é repleto de assimilações e reestruturações destas diversas vozes, ou seja, cada discurso é composto de vários discursos. Para Bakhtin (2003[1979], p. 300), “O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas”.

A partir disso, é possível argumentar que todo ato verbal, sendo uma réplica, ainda que breve e fragmentária, ao adentrar na cadeia dialógica e tornar-se enunciado, pressupõe uma tomada de posição no interior dessa cadeia, ou seja, assume uma posição responsiva por parte de um autor, a qual é imbuída de uma orientação valorativa (Volóchinov, 2017). Ao produzirmos nossos discursos, revelamos elementos axiológicos que denunciam essa tomada de posição, nossa perspectiva de mundo, nossa consciência social. Não há como, portanto, desvincularmo-nos do contorno valorativo que nossas palavras ganham no universo interacional, uma vez que, para haver resposta, é necessário haver compreensão, e “É impossível uma compreensão sem avaliação. Não se pode separar compreensão e avaliação: elas são simultâneas e constituem um ato único integral” (Bakhtin, 2003[1979], p. 378). Assim, a interação social é perpassada sempre por uma tensão, uma vez que evidencia um confronto de valores inseridos em quadros axiológicos diversos, fazendo com que o outro não se resuma a um simples destinatário pacífico.

Construção de identidade e sistema de avaliatividade: diálogo entre Bakhtin e Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)

Em uma concepção de dialogia como constitutiva da linguagem, a comunicação ultrapassa a simples transmissão de mensagens e estrutura o sujeito social. Para o filósofo russo (Bakhtin, 2003[1979]), a imagem interna é aquela que o indivíduo tem de si mesmo, construída a partir de sua subjetividade e de sua percepção interna. Essa imagem, no entanto, é limitada, pois o sujeito não consegue observar a si mesmo de fora, ou seja, não tem acesso à totalidade de sua existência como uma entidade visível e objetiva. Já a imagem externa é a que o outro constrói sobre o sujeito, baseada na interação, na observação e nas respostas discursivas e valorativas que emergem no processo comunicativo. Essa imagem externa é moldada pela relação entre o eu e o outro e ganha sentido por meio de uma validação emotivo-volitiva deste (Bakhtin, 2003[1979]), ou seja, quando o outro reage com emoções, atitudes ou avaliações que conferem valor à expressividade do sujeito. A interação, sendo dialógica, assume então o sentido antropológico de processo pelo qual o homem se constitui enquanto consciência no autorreconhecimento, pelo reconhecimento do outro, numa relação de alteridade — o eu se constitui pelo reconhecimento do tu. Assim, Bezerra (2014, p. 194) afirma que “Eu me vejo e me reconheço através do outro”. Nossas consciências, pela convivência e pela dinâmica entre si, representam um determinado universo, sendo marcadas por suas peculiaridades. A consciência do sujeito é a consciência do outro, pois está sempre aberta à relação com outras consciências e é só nessa troca que ele se revela

e mantém sua individualidade. Essas consciências ou vozes sociais são plurais e integram o espaço enunciativo-discursivo.

A distinção entre a formação da imagem interna e externa tem importantes implicações para o conceito de identidade, pois evidencia que esta não é algo fixo ou essencialmente individual, mas uma construção relacional e dialógica. Nesse sentido, ela emerge no tensionamento entre a imagem interna e externa do locutor e se projeta no discurso, configurando-se, portanto, como um processo inacabado e dinâmico, um contínuo fazer-se que se renova a cada interação. A identidade é, pois, uma produção constante realizada no discurso e pode ser analisada a partir dos posicionamentos axiológicos expressos nas valorações empreendidas pelos locutores sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca.

Para propor contribuições teórico-metodológicas às teorias, propomos uma articulação entre as formulações já discutidas, propostas pelo Círculo de Bakhtin e a Teoria da Avaliatividade (*appraisal*), proposta por J. R. Martin e P. R. R. White (2005), inserida no quadro teórico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Defendemos que essas teorias fornecem ferramentas metodológicas e analíticas para examinar os memoriais que constituem o nosso material de análise.

A Teoria da Avaliatividade parte de uma compreensão funcionalista da língua adequada à perspectiva dialógica da linguagem, uma vez que busca analisar a língua em seu uso real na interação humana. Para a LSF, a língua é considerada um sistema estratificado que apresenta um potencial de recursos (fonéticos, fonológicos, lexicogramaticais, semânticos e contextuais) selecionados pelos falantes na interação, de acordo com determinados propósitos comunicativos e o contexto cultural mais amplo (Halliday e Matthiessen, 2004). Esse sistema interage com outros sistemas semióticos para constituir a cultura humana, realizando-se em textos, conceituados como produto, posto que são o resultado da interação verbal, e, ao mesmo tempo, processo, como troca social de significados (Halliday, 1989).

Assim, Halliday e Matthiessen (2004) consideram que a linguagem/língua possui metafunções, derivadas de sua função primária, que é produzir significados. São três: a metafunção ideacional, que corresponde ao uso da língua para representar a realidade e a experiência humana; a metafunção interpessoal, que corresponde ao uso da língua para revelar as interações humanas e os papéis sociais constituídos na interação; e a metafunção textual, que corresponde à organização e construção da experiência humana e das relações sociais em forma de texto.

A Avaliatividade (Martin e White, 2005) integra, ao lado da Negociação e do Envolvimento, a metafunção interpessoal e permite compreender as avaliações – ou, em termos bakhtinianos, as valorações e os tons emotivo-volitivos – expressas nos enunciados, como uma forma de construir identidades e negociar significados. Ela é composta por três subsistemas interligados – Atitude, Gradação e Engajamento –, pelos quais as avaliações podem ser elaboradas e compostos por outros domínios mais específicos.

Nossa análise terá como foco o subsistema de Atitude, que traz como áreas específicas o afeto (*affect*), o julgamento (*judgement*) e a apreciação (*appreciation*), cada uma com categorias distintas. Esse subsistema se realiza lexicogramaticalmente através de adjetivos, advérbios de processos comportamentais e mentais afetivos e adjuntos modais, além de estar implícito em formas verbais que revelam processos materiais, mentais e comportamentais, entre outros recursos.

O afeto corresponde aos recursos que constroem na linguagem as reações emocionais, refletindo como o enunciador se sente em relação a algo ou alguém, podendo ser relacionado ao conceito bakhti-

niano de tom emotivo-volitivo. Ele se manifesta por meio de escolhas lexicais que indicam emoções positivas ou negativas, como alegria, tristeza, medo ou raiva, as quais se classificam em três categorias: felicidade/infelicidade, segurança/insegurança e satisfação/insatisfação.

O julgamento, por sua vez, trabalha a dimensão ética da avaliação, estando mais ligado ao conceito bakhtiniano de valoração, à medida que traduz a avaliação sobre o comportamento de pessoas ou grupos em termos de normas sociais e valores culturais. Pode ser dividido em duas categorias: (a) julgamentos de estima social, com avaliações que sinalizam a elevação ou o rebaixamento social, em termos de “normalidade” (normal/incomum), “capacidade” (capaz/incapaz) e “tenacidade” (seguro/inseguro); e (b) julgamentos de sanção social, com avaliações que se relacionam ao conjunto de normas ou regulamentos éticos e morais, dividindo-se em veracidade (verdadeiro/falso) e propriedade (ético/antiético). Há uma correspondência entre essa área e o âmbito da modalidade: a normalidade corresponde à usualidade; a capacidade, à habilidade; a tenacidade, à inclinação; a veracidade, à probabilidade; e a propriedade, à obrigação.

Por fim, a apreciação volta-se ao objeto da avaliação, às coisas ou produtos e fenômenos de qualquer natureza. Enquanto o julgamento está mais associado ao domínio da ética/moral, a apreciação estaria mais voltada à estética e pode ser relacionada ao conceito de valoração. Ela se divide em três categorias: reação, que trata de processos afetivos e avalia em termos de impacto e qualidade; composição, que avalia em termos de equilíbrio e complexidade; e valor social.

É possível vislumbrar, portanto, que as categorias fornecidas pelo arcabouço da Teoria da Avaliatividade contribuem para identificar os valores, crenças e ideologias que dão suporte à postura axiológica assumida pelos sujeitos em suas produções discursivas, sinalizando para uma determinada construção identitária não apenas desses sujeitos, mas das “comunidades socialmente constituídas de crenças e atitudes compartilhadas associadas às suas posições”⁴ (Martin e White, 2005, p. 95).

Na próxima seção, indicaremos os parâmetros e procedimentos metodológicos adotados neste estudo.

Metodologia

Este trabalho, do ponto de vista de seus objetivos, classifica-se como exploratório (Gil, 2008), uma vez que trabalha com um objeto de estudo em contexto específico, ainda não amplamente explorado na área. A natureza da pesquisa é qualitativa, já que se busca examinar os significados construídos na materialidade textual.

Na seção anterior, indicamos que a Teoria da Avaliatividade seria utilizada também como uma espécie de referencial metodológico em nossa investigação neste artigo. Isso ocorre pelo fato de que a Avaliatividade nos possibilita não apenas analisar os textos, mas também organizar os dados sistematicamente, a partir de categorias temáticas evocadas com base nas próprias categorias analíticas. Assim, a análise do corpus foi feita a partir das categorias do subsistema de atitude em articulação com

⁴ No original: “[...] the socially-constituted communities of shared attitude and belief associated with those positions” (tradução livre).

as noções de dialogismo, posição axiológica e valoração, e os dados obtidos foram divididos em duas categorias temáticas, com base nos temas aos quais as avaliações estavam direcionadas.

Devido às limitações de espaço deste trabalho, com o intuito de aprofundarmos a discussão, o corpus de análise para este artigo é constituído de dois memoriais⁵ produzidos por duas candidatas indígenas, docentes na rede escolar indígena, que participaram do Processo Seletivo para ingresso na primeira turma do curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural Indígena, do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Pesqueira-PE. O memorial funcionou como uma das etapas dessa seleção e deveria atender aos seguintes requisitos:

O presente Memorial deve contemplar a história de vida do/a candidato/a, dando destaque para:

1. As formas de interação do candidato com a sua comunidade e a relação estabelecida com a família;
2. A participação do/a candidato/a nos projetos e organizações coletivas e/ou da comunidade a que pertence;
3. A trajetória de formação educacional do/a candidato/a;
4. Experiência em docência indígena (para candidatos/as já atuantes na rede escolar indígena, os quais concorrerão à reserva de vagas);
5. As atividades, os eventos e as ações que o candidato participou e a importância delas para sua formação;
6. Domínio da língua portuguesa em relação aos aspectos linguísticos, formais, uso de argumentação e capacidade crítico-reflexiva (IFPE, 2024, p. 10).

É importante explicar tais requisitos pelo fato de que, conforme Bakhtin destaca (Bakhtin, 2003[1979]), todo enunciado responde a condições concretas de produção, sendo orientado pelas exigências de uma esfera de atividade específica. Nesse caso, o gênero discursivo memorial está configurado pelas normas estabelecidas pelo edital, que delimitam o conteúdo temático esperado para a produção.

Nesse sentido, é preciso levar em consideração que, se a réplica do diálogo é orientada para provocar uma resposta do outro, estimulando uma compreensão responsiva e ativa, e que, para isso, utiliza diversas estratégias – como tentar exercer influência de forma didática, persuadir, despertar a crítica ou provocar impacto –, então, as produções analisadas neste artigo configuram-se como uma resposta discursiva cujas estratégias são moldadas pela posição de poder simbólico do interlocutor/destinatário. Esse interlocutor, ao atuar como representante de uma instituição educacional, detém a autoridade para avaliar e julgar os enunciados, decisão que impactará diretamente a oportunidade de ingresso das enunciantoras no curso almejado, uma ação capaz de transformar a trajetória de vida delas. Assim, o ato de enunciar ultrapassa a simples elaboração textual, configurando-se como uma prática social orientada estrategicamente. As enunciantoras, assim, não apenas escrevem, mas agem com uma orientação argumentativa cuidadosamente definida, buscando mobilizar valores, estabelecer conexões

⁵ O acesso aos memoriais foi realizado com a devida autorização da Comissão de Seleção do processo seletivo de 2024 do curso de Pedagogia Intercultural Indígena do IFPE *campus* Pesqueira, bem como com o consentimento formal das candidatas para a utilização das informações contidas nos documentos. Esse consentimento foi registrado por meio da assinatura do Termo de Compromisso Livre e Esclarecido.

e persuadir o interlocutor acerca de sua adequação e mérito, em um movimento discursivo que reflete tanto a consciência da situação comunicativa quanto a interação dialógica subjacente.

A definição que utilizamos para o gênero analisado aproxima-se da definição de Passeggi (2008) para o gênero memorial acadêmico, como “escritas de si elaboradas por professores e pesquisadores para fins de concurso público, ingresso ou ascensão funcional na carreira docente ou outras funções em instituições de ensino superior e de pesquisa” (Passeggi, 2008, p. 106).

Assim, os memoriais analisados mantêm traços estruturais e estilísticos típicos do gênero, como a estrutura, a presença da narrativa autobiográfica e o tom persuasivo, mas se ajustam às exigências do propósito imediato, sendo permeado por aspirações acadêmicas, diferente da definição dada acima, mais alinhada a aspirações profissionais.

Embora tenham sido elaboradas por docentes – as quais atuam na rede escolar indígena de Pesqueira-PE –, os memoriais analisados não foram produzidos com aspirações profissionais, mas sim acadêmicas, pelo fato de se tratar de produções de candidatas a uma vaga em um curso superior. No entanto, o propósito persuasivo é mantido. As enunciantoras narraram aspectos de sua vida pessoal, acadêmica e profissional, de acordo com o que fora preconizado pelo Edital, a fim de atestarem sua capacidade e seu mérito para ingressar no curso pretendido.

Análise e discussão

Esta seção apresenta a análise dos dados, com foco nas avaliações relacionadas ao subsistema de atitude. A partir dos enunciados extraídos do corpus, examinaremos como os sentimentos e as avaliações expressos dão suporte à postura axiológica assumida, revelando crenças e valores não apenas dos indivíduos que enunciam, mas da própria comunidade Xukuru, da qual fazem parte, incluindo seus modos de organização político-social. Vale esclarecer que a comunidade Xukuru habita a terra Ororubá, localizada entre os municípios de Pesqueira e Poção, sertão de Pernambuco. Esse povo é conhecido por sua organização e mobilização em defesa de seus direitos, incluindo a participação em assembleias anuais e a realização de retomadas de terras (Silva e Barros, 2022).

É importante, antes de iniciarmos o exame detalhado dos excertos, fazer uma observação a respeito da análise empreendida a partir do subsistema de julgamento. Nesse sentido, não podemos deixar de lado o fato de que a validade dos julgamentos sobre os comportamentos descritos nos memoriais passa por uma voz externa à das enunciantoras: a voz do edital de seleção ao qual os memoriais analisados foram submetidos. Essa «voz do Edital» pode ser compreendida, na perspectiva bakhtiniana, como parte do superdestinatário ao qual os enunciados das candidatas também respondem. O superdestinatário, nesse caso, representa a autoridade institucional que estabelece as normas e critérios que orientam a produção discursiva, evidenciando a relação dialógica entre as enunciantoras e o contexto sociocomunicativo. Com isso, as ações evidenciadas nos textos podem ser consideradas implicitamente positivas. Apenas as atitudes e os comportamentos julgados negativamente são marcados, como será possível identificar. O comportamento positivo não precisa, aparentemente, ser explicitamente julgado, pois só pelo fato de estar presente e corresponder aos requisitos do edital, ele já seria considerado implicitamente positivo.

Também por essa razão, qualquer tipo de generalização definitiva a respeito da identidade dessas candidatas e do povo Xukuru, ao qual pertencem, é perigosa e eticamente irresponsável. O que analisaremos, portanto, é a identidade construída no discurso, aquela que se permite entrever, a partir do que foi posto nos excertos, nas condições de produção aduzidas.

Atitude e trabalho docente no território-comunidade

Em relação à categoria de afeto, dentro do subsistema de atitude, é possível perceber avaliações positivas, introduzidas por verbos de processo mental, que têm como *trigger* a docência e a participação na comunidade. Observemos o trecho a seguir:

- (1) “Comecei a lecionar [...] E com isso [explicitude do *trigger* emocional], fui despertando [processo mental] o interesse e o amor [afeto positivo – felicidade] pela educação” (M1)⁶.

Pode-se afirmar que o enunciado acima dialoga com um discurso ainda presente no imaginário social, que traz como ideologia a ideia de que o trabalho docente é um trabalho vocacional que deve ser exercido de forma amorosa, posto que se trataria de uma missão divina (Rodriguez, 2008).

A forma verbal “despertar” indica que esse processo ocorreu de forma orgânica, intrínseca e genuína na enunciativa, como se o interesse e o amor fizessem parte de uma essência e estivessem nela adormecidos. Essa ideia de “essência” pode ser interpretada como uma tentativa de alinhar a imagem interna da enunciativa com a imagem externa projetada para o interlocutor.

É possível que haja aqui um tensionamento entre a concepção agostiniana, trabalhada em *De Magistro* (Agostinho, 1987), a qual ainda está enraizada no senso comum de nossa cultura ocidental, e um traço das cosmogonias indígenas de que há um motivo pelo qual as “almas-luz” se corporificam (Jecupé, 2020). Não se pode afirmar com clareza, dadas as limitações deste estudo, até que ponto temos um e outro posicionamento ideológico, mas é possível sugerir um tensionamento entre eles. Assim, do ponto de vista do dialogismo, a representação da docência como vocação/missão dialoga tanto com as expectativas da comunidade indígena quanto com valores históricos e religiosos do campo educacional ocidental, refletindo a dialética interna dos signos vocação/missão e como os discursos das enunciativas estão imersos em um horizonte de vozes múltiplas.

Há um reforço desse pensamento em outro trecho de M1 e no trecho subsequente, de M2:

- (2) “E descobrir a minha verdadeira ‘vocação’ por ensinar, junto ao prazer [afeto – positivo – satisfação/realização] de poder contribuir para a sociedade através do ensino [explicitude do *trigger* emocional]” (M1).
(3) “[...] minha participação nos encontros, assembleias, mobilizações me fortalecia [apreciação

⁶ A partir daqui, utilizaremos a sigla M seguida da numeração para identificar os memoriais analisados. Assim, M1 refere-se ao primeiro memorial, e M2 ao segundo, ambos integrantes do *corpus* da pesquisa.

– reação – impacto] ainda mais [modificador – intensificação] e me fazia perceber [apreciação – reação – impacto] a importância da minha identidade da minha missão [julgamento – sanção social – propriedade] junto com meu povo” (M2).

A ideia expressa pela forma verbal em “poder contribuir para a sociedade”, em (2), que é o que desperta (trigger) a satisfação, também pode ser vista como uma apreciação positiva, do tipo reação – impacto, que a enunciativa faz do trabalho docente, e, portanto, do seu próprio trabalho. O verbo de processo mental “descobrir”, no início do excerto, confirma o status essencial, intrínseco da atividade docente na enunciativa.

No trecho (3), assim como no (2), a construção dessa identidade vocacional, missionária, é reforçada. Em (3), percebemos, ainda, uma enunciativa que não apenas esteve fortalecida, mas também que é forte, uma vez que o intensificador “ainda mais” gera o pressuposto de que a fortaleza já era um atributo presente que foi intensificado pela atuação na comunidade. Vale notar que essa participação comunitária é avaliada como o mecanismo gerador do impacto positivo sobre sua prática docente, que a leva a atribuir, por meio de um julgamento de sanção social, um valor ético ao seu trabalho, uma espécie de dever, o qual só pode ser percebido no engajamento comunitário. Da mesma forma que, em (2), a possibilidade de contribuição social é o que desperta a satisfação. Assim, pode-se perceber, na prática docente Xukuru relatada nos memoriais, a indissociabilidade entre prática docente e atuação comunitária.

É possível compreender esse posicionamento a partir do que é discutido por Jacupé (2020, p. 96) a respeito da “educação da tribo”: “Tribo e espírito caminham juntos. Para o índio, são sinônimos”. Essas palavras nos trazem a noção de que o aprendizado é indissociável da partilha desse conhecimento e do conhecimento (também como experiência) espiritual no contexto comunitário – o que será evidenciado mais adiante.

Ainda reforçando esse pensamento, há alguns julgamentos em M2 que apontam para a construção e valorização de certo tipo de identidade docente, a partir de julgamentos de estima social especialmente relacionados à capacidade e qualidades afetivas. Sobre isso, é dito:

(4) “[...] a mesma era uma pessoa doce e amável com todos, tive a oportunidade de ter um grande aprendizado junto com ela [julgamento – estima social – capacidade] hoje me espelho muito nela [...] não quer dizer que as outras também não me marcaram [afeto como processo mental afetivo – satisfação], mas essa é a professora que mais me recordo com relação e ternura e paciência” (M2).

Ao falar de sua trajetória educacional, a enunciativa de M2 julga ter sido uma “oportunidade” ter aprendido bastante com uma professora que caracteriza como “doce e amável com todos”, indicando que foram essas qualidades, mais do que outras, as responsáveis por despertar nela uma reação emocional significativa.

É possível perceber, desse modo, como esses enunciados não apenas expressam uma visão individual, mas respondem a vozes sociais e históricas que configuram certa cosmologia⁷ indígena, mas

⁷ Cosmologia é um termo derivado da Física usado aqui para se referir ao conjunto de concepções, narrativas e princípios que organizam a compreensão de um povo sobre a origem, a estrutura e o funcionamento do mundo, bem como sobre as relações entre humanos, não humanos e o cosmos.

também o campo educacional ocidental, profundamente influenciado por concepções religiosas e humanistas, as quais trazem uma representação da docência como um trabalho puramente altruísta, invisibilizando, muitas vezes, as condições materiais e estruturais desse tipo de atividade.

Outra postura docente valorizada em M2, a qual contribui para a compreensão da construção da identidade de sua enunciativa, é a do equilíbrio, da justiça e do dinamismo.

- (5) “[...] na 4ª minha professora foi M.J., pessoa muito tranquila e rígida quando necessária [julgamento – sanção social – propriedade], tinha um prazer enorme de ver a aprendizagem e evolução da turma, as aulas eram dinâmicas e sempre tinha algo que nos surpreendíamos [apreciação – reação – impacto]/[afeto – onda de emoção – felicidade], hoje também me espelho [julgamento – sanção social – propriedade] muito [modificador – intensificação] nela [...]” (M2).

O fato de ser “rígida quando necessária” indica um comportamento ajustado às demandas contextuais, o que é avaliado positivamente, como se fosse algo justo e correto, por meio de um julgamento de propriedade. Ao mencionar o “prazer” no êxito de aprendizagem e evolução dos estudantes, e a dinamicidade das aulas, a enunciativa também ressalta o compromisso emocional e profissional de sua professora e avalia isso como um modelo a ser seguido, julgando o comportamento de sua professora, no qual se espelha, como adequado, correto, e intensificando esse julgamento por meio do modificador “muito”.

O respeito às tradições e às origens na prática docente é um valor recorrentemente expresso em vários trechos das produções, como os elencados a seguir.

- (6) “Na escola em que eu leciono, nós desenvolvemos um estudo [nominalização] específico e diferenciado [julgamento – estima social – normalidade] para o povo, respeitando sempre [julgamento – sanção social – propriedade] as nossas origens e tradições, para que não possamos perder a nossa essência quanto indígena” (M1).
- (7) “[...] posso levar [julgamento – estima social – capacidade] para meus opipes toda a riqueza que existe na Nosso Povo, assim como toda a história vivenciada por nossos antepassados [...]” (M2).

No excerto (6), a avaliação presente em “estudo específico e diferenciado” reflete um julgamento de normalidade que ressalta que a prática pedagógica está alinhada às particularidades e necessidades culturais da comunidade, sendo identificada como algo esperado e recorrente (“normal”) naquele contexto. Além disso, o uso de “respeitando sempre as nossas origens e tradições” avalia positivamente, através do julgamento de propriedade, o comportamento descrito como sendo algo ético, o que enfatiza o compromisso, não apenas da enunciativa, mas de seu povo, com a preservação e a valorização das raízes culturais de sua comunidade.

O excerto (7) traz um julgamento positivo da enunciativa acerca da própria capacidade de ser a portadora das tradições, histórias e experiências de seu povo, às quais são atribuídas um alto valor imate-

rial expresso no nome “riqueza”. Ao evidenciar a transmissão dessa “riqueza” como uma prática positiva, a enunciadora também se coloca como alguém que respeita essas tradições, histórias e experiências.

Uma associação entre dinamismo, capacidade inventiva e compromisso com a comunidade também pode ser percebida nos juízos expressos no seguinte trecho:

- (8) “[...] dentro da matemática, disciplina a qual leciono, eu procuro fazer aulas dinâmicas e dentro da nossa realidade [julgamento – estima social – capacidade] [...] Como já lecionei, embaixo de uma árvore, mangueira, para que nós possamos interagir cada vez mais [julgamento – sanção social – inclinação] com a natureza e os nossos ensinamentos juntos com os nossos encantados.” (M1).

Há, no trecho, uma relação entre “aulas dinâmicas e dentro da nossa realidade” e a atitude de lecionar “embaixo de uma árvore”, estabelecida pelo conectivo “Como”, que, no contexto, adquire um valor semântico de conformidade. Assim, é possível identificar implicitamente um julgamento positivo de capacidade a respeito do próprio comportamento – ou seja, é como se estivesse afirmando “eu, enunciadora, sou capaz de lecionar de forma dinâmica e alinhada ao contexto”. Isso contribui para o efeito de proeminência da estima social da enunciadora, apresentando-a como uma pessoa inventiva. Essa inventividade, porém, é descrita como assumindo um propósito definido, o que reforça a imagem da enunciadora como uma pessoa comprometida com a comunidade, uma vez que a interação – com a natureza e os ensinamentos dos encantados – indica sua ação intencional, ao mesmo tempo que avalia essa ação como algo que precisa ser contínuo e gradual (“cada vez mais”).

A partir dos trechos analisados, foi possível compreender que a postura axiológica adotada nos trechos identifica a docência, para o povo Xukuru, não apenas como uma atividade técnica, instrumental, mas como um ato ético de responsabilidade sociopolítica. Soma-se a isso o fato de que a necessidade de interação com as práticas comunitárias, a natureza e os encantados, bem como a preservação das tradições mostram um princípio fundamental em muitas cosmovisões indígenas: a interconexão entre humanidade, espiritualidade e meio ambiente.

Jecupé (2020) põe diante de nós uma noção de natureza como ancestralidade, decorrente do que se pode chamar, como ele mesmo coloca, de “filosofia indígena” (2020, p. 34), ao afirmar que “cada nação ou clã guarda em sua memória cultural sua ascendência dentro do reino da natureza de acordo com o pensamento de ancestralidade. Guarda a memória dos pais e da interação desses ou, como dizem, do namoro dos Pais Trovões com a Mãe Terra”.

Essa perspectiva, que reverbera nos enunciados analisados, contrapõe-se à lógica capitalista de consumo, que reduz a natureza a um recurso utilitário, algo exterior ao ser humano, destinado à exploração e mercantilização, e valoriza a experiência do “sujeito coletivo”, de que trata Krenak (2022, p. 52): “[...] o primeiro presente que ganhei com essa liberdade foi o de me confundir com a natureza num sentido amplo, de me entender como uma extensão de tudo, e ter essa experiência do sujeito coletivo”. Desse modo, a identidade que se pode vislumbrar nos enunciados analisados, tanto de M1 quanto de M2, reflete, de modo geral, um posicionamento axiológico que responde tanto às vozes da tradição, em uma postura de afirmação, quanto às pressões da modernidade, em uma postura de negação. Isso deve ficar mais claro no próximo tópico de análise.

Atitude e presença no território-comunidade

Neste tópico, analisamos como a identidade das enunciantoras é construída por meio de valores afetivos e culturais relacionados ao pertencimento comunitário e territorial. Os enunciados, como veremos, expressam um profundo senso de conexão com a comunidade e com a natureza, corroborando com o que começamos a identificar no tópico anterior, marcado por atitudes afetivas de orgulho e satisfação, mas também por julgamentos de dever e compromisso e por apreciações positivas a respeito do estar no território-comunidade. A presença física neste lugar e o compartilhamento de saberes aparecem como elementos centrais, reforçando a ideia de coletividade e partilha como fundamentos da identidade das enunciantoras e, consequentemente, de seu povo.

De início, é possível perceber, no excerto de M1 logo abaixo, um afeto positivo que representa um estado emocional de satisfação, modificado por uma gradação alta, cujo *trigger* corresponde à inserção na comunidade através do trabalho docente.

- (9) “E foi com imenso [modificador - gradação alta] orgulho [afeto positivo – satisfação], voltar à aldeia onde nasci e tenho praticamente todos os meus parentes morando, para lecionar e passar [apreciação – reação – impacto] os meus conhecimentos acadêmicos e a minha experiência de vida [explicitude do trigger emocional] [...]” (M1).

Isso mostra como a presença na comunidade (marcada com o verbo de processo material “voltar”) e a oportunidade de contribuir com algo (marcada com os verbos de processo material “lecionar” e “passar [conhecimento]”) são consideradas valores que geram orgulho e satisfação pessoal. É nesse espaço físico, que estamos chamando território-comunidade pela relação simbiótica que estabelecem entre si, e não apenas no plano imaterial, onde se localizam as raízes culturais, familiares, identitárias e afetivas das enunciantoras.

Cabe fazer uma ressalva aqui para indicar que a transmissão de conhecimento, seja ele formal ou informal, não é uma prerrogativa de povos tradicionais e indígenas, visto que pode ser considerado um meio pelo qual as civilizações se desenvolvem e se perpetuam no tempo-espaço, mas se apresenta como uma atitude altamente valorizada no discurso das enunciantoras indígenas, além de ser algo que se busca veementemente pôr em prática, como uma missão, conforme já vimos no tópico anterior. A valorização desse ato, descrita pelas enunciantoras, pode ser entendida como uma prática dialógica em que o indivíduo (enunciantoras) se constitui e valida sua identidade no processo de compartilhar saberes com o outro.

Também é importante considerar o uso da palavra parente nesse contexto específico, que parece ter uma abrangência maior do que a referência a laços de consaguinidade, tendo em vista que os indígenas Xukuru, assim como diversos outros povos indígenas, tratam uns aos outros pelo termo parente, mesmo quando não há vínculo consanguíneo direto (Valverde, 2023). Esse termo representa um reconhecimento mútuo como indígenas, baseado em interesses compartilhados, como os direitos coletivos, a experiência histórica de colonização e a luta pela autonomia sociocultural.

Retornando à questão da presença física no território-comunidade, também é possível identificar uma atitude afetiva com relação a esse espaço, cuja tradução é sinalizada lexicogramaticalmente como posse, como uma metáfora para o pertencimento, conforme se vê em “meu povo”/“minha comunidade”, presentes em M1 e M2 e nos excertos abaixo:

- (10) “[...] passar os meus conhecimentos acadêmicos e a minha experiência de vida para as próximas gerações de crianças, jovens e adultos do meu povo [afeto – segurança] o qual eu faço parte [reforço do afeto] e sou [verbo de processo relacional] filha da natureza [apreciação – valorização simbólica/metáfora]” (M1).
- (11) “[...] ainda quando criança tivemos que nos mudar para morar na cidade, por motivos de doença de meu avô materno, e na cidade seria melhor para acompanhá-lo com os tratamentos. Contudo, nunca deixei de frequentar a minha comunidade e manter convivência com meus parentes na Aldeia [julgamento implícito – estima social – tenacidade], onde sempre ajudei e trabalhei com os plantios de roçado da minha família” (M1).
- (12) “[...] sair do povo em busca de trabalho ou de outra perspectiva [trigger emocional] seria [processo relacional atributivo hipotético] algo em vão [apreciação – reação – qualidade], pois não seria algo que gostaria [processo desiderativo que expressa, implicitamente, afeto negativo – insatisfação/frustração] naquele momento” (M2).

Observa-se, em (10), que a identidade da enunciadora é afirmada através do senso de pertencimento à coletividade (eu sou porque pertenço a) – a palavra parentes aqui aparece de forma ambígua (consanguíneos/membros da Aldeia) e à identificação com a natureza em uma relação de parentesco (“filha”). Essa relação é também, como vemos novamente, marcada territorialmente.

O vínculo físico com a comunidade é colocado quase como uma conduta obrigatória, um dever, que valida o pertencimento. Isso parece expressar aquilo que para o povo Xukuru, segundo os textos, é um valor social. No caso de (11), por exemplo, com a mudança da família, a expectativa seria a de que eles perdessem o vínculo com o território-comunidade; porém ela faz questão de enfatizar, introduzindo como argumento mais forte dessa contraposição, sua persistência em manter esse vínculo, o que se deu por meio do trabalho na terra da família com a família. Esse comportamento também vincula um atributo de resiliência a esses personagens, reforçando a ideia de que o povo Xukuru é guerreiro, como aquele que se empenha ferrenhamente para conquistar algo (Silva e Barros, 2022).

No excerto (12), a identidade da enunciadora é construída em oposição à ideia de afastamento da comunidade, reforçando seu senso de pertencimento e o vínculo com o território. O verbo de processo material “sair”, associado a uma busca por trabalho ou por outras perspectivas, é apresentado como um *trigger* emocional que desencadeia uma atitude de afeto negativo em relação à possibilidade de distanciamento, expressa por meio do processo relacional atributivo “seria algo em vão”. Essa apreciação negativa (reação – qualidade) enfatiza a falta de valor percebida pela enunciadora em se afastar de sua coletividade. Além disso, o uso do processo mental desiderativo “não seria algo que gostaria” apresenta implicitamente um afeto negativo – insatisfação/frustração, evidenciando sua rejeição emocional a tal possibilidade. Assim, o excerto reafirma o posicionamento da enunciadora em destacar a

centralidade do território-comunidade na sua construção identitária, demonstrando que a desconexão com esses elementos é percebida como contrária à sua realização pessoal e profissional.

É válido, nesse momento, chamar a atenção para o fato de que o ato de se afirmar como indígena, como podemos perceber em alguns trechos, é feito em tom de orgulho. Trata-se, possivelmente, considerando as condições de produção dos memoriais, de ratificar um posicionamento tido como meritório diante de um auditório avaliador, e aqui cabe avaliar também a questão do mérito nos memoriais analisados.

Em (13), o reconhecimento do mérito provoca uma reação emocional na enunciadora e é julgado de maneira positiva em M2, como aquilo que reforça a satisfação pela permanência no território:

- (13) “quando a liderança da Aldeia C.P. pediu para me avisar dessa seleção [explicitude do trigger emocional] pude perceber [afeto como processo mental – satisfação] que o mesmo reconhecia todo o trabalho [julgamento – sanção social – propriedade] que já vinha fazendo junto com os demais profissionais”.

O verbo de processo mental “perceber”, nesse contexto, não se refere apenas a uma operação cognitiva formal, puramente racional, mas sugere, implicitamente, um estado emocional de satisfação com o reconhecimento obtido. Ele carrega uma dimensão emocional implícita, traduzida em um afeto positivo – satisfação, ao evidenciar o impacto do reconhecimento sobre o trabalho realizado.

Além disso, o reconhecimento da liderança da aldeia, avaliado como meritório por meio do julgamento – sanção social – propriedade, reforça a construção da identidade da enunciadora como uma agente comprometida com sua comunidade, o que legitima o valor ético de suas ações no território e fortalece sua relação com a comunidade. Além disso, a menção explícita ao “trabalho junto com os demais profissionais” ressalta não apenas a individualidade do mérito, mas também sua natureza coletiva, reafirmando a indissociabilidade entre a prática docente e o engajamento comunitário, que permeia os memoriais analisados.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo analisar a identidade discursiva de duas docentes indígenas participantes do Processo Seletivo para ingresso no curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) – Campus Pesqueira-PE. A partir da articulação entre o pensamento bakhtiniano e a Teoria da Avaliatividade, examinamos como as posições axiológicas, interpretadas a partir das avaliações/valorações atitudinais expressas nos memoriais, contribuem para a construção das identidades das enunciadoras no discurso das indígenas.

Os resultados da análise revelaram que essas identidades discursivas são marcadas por uma tensão entre os valores comunitários e culturais de uma coletividade indígena, os valores históricos e religiosos que atravessam o campo da educação desenvolvida no ocidente e as demandas institucionais que atravessam o contexto de produção dos memoriais. As avaliações identificadas apontam para um

senso de pertencimento territorial, o qual identifica o lugar como a própria comunidade (território-comunidade), associando isso a uma postura ética e afetiva em relação à prática docente, compreendida como um ato de amor e compromisso socioeducacional e político. Ademais, a presença de julgamentos e apreciações positivas em relação à atuação comunitária e profissional das enunciantes reforça seu vínculo com sua identidade indígena, ao mesmo tempo em que são reforçadas por responder às exigências avaliativas do edital de seleção. Essa interação evidencia o caráter também dialógico da construção identitária, como o lugar onde distintos posicionamentos, valores e ideologias se tensionam.

É possível reafirmar, desse modo, o potencial de contribuição deste estudo para os debates sobre a relação entre linguagem, cultura e identidade, destacando como o discurso reflete e refrata as condições sociais e históricas de produção de sentido. A análise empreendida reforça, portanto, a importância de considerar os posicionamentos axiológicos no discurso como instâncias centrais para compreender a dimensão dialógica da construção das identidades.

Referências

- AGOSTINHO, A. 1987. *Confissões: De Magistro*. São Paulo: Nova Cultural
- BAKHTIN, M.M. 2003[1979]. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes.
- BEZERRA, P. 2014. Polifonia. In: B. BRAIT (org.), *Bakhtin: conceitos-chave* (5ª ed.). São Paulo: Contexto, p. 191-200.
- FERNANDES, O.P.P. 2021. *Percepções de discentes de Língua Francesa sobre a escolha da profissão: um estudo dialógico do discurso*. Recife, PE. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, 217 p.
- FIORIN, J.L. 2022. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed., São Paulo, Contexto, 156 p.
- GIL, A.C. 2008. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed., São Paulo, Atlas, 176 p.
- HALLIDAY, M.A.K. 1989. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford/Geelong, OUP/Deakin University Press, 140 p.
- HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. 2004. *An introduction to functional grammar*. 3. ed., London, Arnold, 300 p.
- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO. 2024. *Edital IFPE nº 19, de 02 de julho de 2024. Processo Seletivo de Estudantes Indígenas: Primeira Licenciatura em Pedagogia Intercultural Indígena - ingresso 2024.2*. Pesqueira, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. Disponível em: <https://cvest.ifpe.edu.br/parfor-2024-2-cpes-alun/>. Acesso em: 04/01/2025.
- JECUPÉ, K.W. 2020. *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo, Peirópolis, 130 p.

- KRENAK, A. 2022. *Futuro ancestral*. São Paulo, Companhia das Letras, 128 p.
- MARTIN, J.R.; WHITE, P.R.R. 2005. *The language of evaluation: appraisal in English*. London, Palgrave/MACMILLAN, 278 p.
- PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. (orgs.). 2008. *Memória, memoriais: pesquisa e formação docente*. Natal, EDUFRRN; São Paulo, Paulus, p. 43-60.
- RODRIGUEZ, M.V. 2008. Reformas educacionais e proletarização do trabalho docente. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, **30**(1):45-56. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v30i1.5099>.
- SILVA, E.; BARROS, I.P. DE. 2022. Povo Indígena Xukuru do Ororubá: uma história de mobilizações por afirmação de direitos. *Revista Direito e Práxis*, **13**(1):395-423. <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2022/65122>
- VALVERDE, R. 2023. Glossário de termos indígenas. *Agência Fiocruz de Notícias*. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/glossario-de-termos-indigenas#:~:text=O%20termo%20parente%20n%C3%A3o%20significa,povos%20diante%20da%20sociedade%20global>. Acesso em: 05/01/2025.
- VOLOSHINOV, V.N. 1993[1929]. ¿Qué es el lenguaje? In: A. SILVESTRI; G. BLANCK. *Bajtín y Vigotsky: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona, Anthropos, p. 217-243.
- VOLÓCHINOV, V. N. 2017. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo, Editora 34, 371p.
- VOLOSHINOV, V.N.; BAKHTIN, M.M. 1976. Discurso na vida discurso na arte (sobre poética sociológica). In: *Freudianism: a marxist critique*. New York, Academic Press. [Tradução para o português de Cristovão Tezza, para uso didático]. Disponível em: https://www.academia.edu/19347967/Discurso_Na_Vida_Discurso_Na_Arte. Acesso em: 27/11/2025.

Submetido: 25/08/2025

Aceito: 15/12/2025